

Fim do blablablá?

11 ABR 1993

Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor de Redação

Cinquenta e sete deputados federais de vários partidos, todos com boa votação e liderança em seus estados, e que não frequentam habitualmente as páginas dos jornais e os noticiários da televisão, ou porque não gostam ou porque não são procurados pela imprensa, resolveram se organizar em um grupo destinado a pensar e a oferecer soluções aos problemas que consideram as verdadeiras prioridades do País.

Eles se dizem cansados do blablablá sobre plebiscito, sucessão presidencial, ataques ao Governo, escândalos, denúncias e outros pratos diários da mídia nacional. E resolveram listar as prioridades e dedicarem seu tempo ao oferecimento de soluções às questões que, no seu entender, deveriam estar no primeiro plano das preocupações do Congresso e das elites brasileiras.

Trata-se de uma iniciativa meritória, até mesmo para ajudar a reabilitar a imagem do Congresso que, após o impeachment de Collor, atingiu elevado grau de prestígio na opinião pública mas logo entrou em declínio. Mais que isso, é uma boa oportunidade para que a opinião pública realmente passe a se ocupar das questões de interesse relevante, deixando em segundo plano o "tiroteio" que envolve notícias que fazem muito barulho mas pouco ou nada contribuem para pôr o Brasil para a frente.

Das primeiras informações sobre as intenções desse grupo, sabe-se que ele é crítico do próprio Legislativo, mas de forma construtiva, a fim de conscientizar os próprios parlamentares sobre a necessidade de enfrentar-se o dragão social e econômico que cresce e engorda na miséria, no desnível regional e na concentração da riqueza nacional, antes que esse dragão acabe por devorar o próprio Le-

gislativo.

É bom que lideranças mais lúcidas da Câmara dos Deputados dêem início a esse movimento, que não tem nome e nem líder, para tentar sensibilizar a própria mídia nacional, ora às voltas com uma crônica falta de assunto, que obriga os meios de comunicação a saturar o público com os mesmos temas de importância secundária — enquanto o País pega fogo.

O **CORREIO BRASILENSE**, fiel a seus compromissos de informação, já assegurou a representante desse grupo a abertura das páginas do jornal para a veiculação e debate de temas que nos tragam o Brasil real, que é diferente do Brasil visto nas telenovelas e na bobagem da propaganda do plebiscito, ou nos equívocos da antecipação da campanha presidencial de 1994.

O crescimento da concentração da renda, com seu séquito de consequências negativas — como o aumento da miséria e das diferenças regionais —, talvez seja o problema nº 1 a enfrentar. E isso faz parte do ideário desse grupo de deputados federais que tenta fugir das chatíssimas notícias habituais deste Brasil-93, na tentativa de que não se perca mais um ano, mais um governo e, quem sabe, mais uma década em debates estéreis.

Na verdade, esses parlamentares não estão só e nem são os primeiros brasileiros com essa preocupação. Lideranças civis e militares importantes, em várias partes do amplo território nacional, também já se deram conta de que há um grande desperdício de tempo, de dinheiro, de papel e de tevê para assuntos que não merecem tanto destaque. E, enquanto isso, os verdadeiros problemas do povo e da Nação vegetam no segundo plano. Antes que eles entrem explosivamente nas manchetes da mídia, é preciso fazer algo para substituir o blablablá pela discussão substantiva dos grandes temas nacionais.